

Sete violetas mortas

Desconfio que o meu apartamento lembrava uma floresta. Como você sabe, sempre gostei de plantas. Eu tinha quarenta e oito violetas plantadas em vasos quando você me visitou. Não uma dúzia, mas *quatro* dúzias de violetas em vasinhos pequenos, daqueles que os supermercados vendem em pencas. Eram uma beleza. As violetas, como todos esperam, estavam timidamente apoiadas em folhas verde-escuras aveludadas, por vezes meio ocultas, freqüentemente ausentes, mas absolutamente existentes. Disso, não havia nem a mais ínfima dúvida.

Eu agüava os vasos três vezes por semana. Não mais, nem menos. As folhas apodrecem quando recebem muito água, e amarelecem quando sem atenção. Eu nunca me esqueci disso, nem você, tenho certeza. Mas isso não foi suficiente.

Naquele dia em especial, eu não estava esperando você. Nunca esperamos essas surpresas, não é mesmo? É por isso que são surpresas. Assim, abri-lhe a porta da minha sala. Melhor: escancarei-lhe a porta da minha sala. Qualquer um poderia ter entrado por ali, mas teria passado rapidamente e saído pela porta dos fundos, que eu nunca trancava. Eu, hóspede na minha própria casa, como você descobriu tão facilmente, teria observado o intruso e, no máximo, lhe oferecido um chá. Não a você, claro. A ele, o qualquer um. Se ele quisesse, saborearia comigo as minhas especiarias guardadas tão displicentemente. Se não, passaria como uma lufada de vento, como um carro-de-som assombrando as esquinas de cidades meio-adormecidas no dia em começo. Quando ele saísse, eu guardaria o meu serviço de chá, lavado, não tão límpido quanto antes, mas aceitavelmente lavado.

Só que não foi qualquer um que entrou pela porta. Foi você. E você não quis somente passar.

Você entrou e reparou nas minhas violetas. Havia umas expostas, desabrochadas por entre as folhas grandes e macias. Outras, esperavam tempo melhor. Também existiam as mal-nascidas, cujas folhinhas lembravam as próprias flores, miúdas e delicadas, enquanto algumas pareciam haver desistido de se impor à vida e *desexistiam* nos vasos. Você não somente viu tudo, mas apalpou, cheirou, revolveu a terra, replantou as que relutavam e agüou as que apenas resistiam. Não satisfeito, mostrou novos lugares-de-estar para as minhas violetas, simplesmente aceitando quando eu não concordei com algumas das mudanças. Isso, porém, só fez ressaltar a sua presença. Qualquer uma das suas atitudes era exatamente isso: atitude, com toda a crença e a consciência que as atitudes precisam ter por trás de si para serem o que são.

Como foi você quem entrou pela minha porta principal, eu recontei, uma a uma, as minhas violetas. Na verdade, renomeei-as. Lógico, ainda eram violetas. Mas eram violetas azuis, roxas, lilases, loquazes, olorosas, discretas, sem-vergonhas, leitosas, cristalinas, opalinas, diamantes vegetais, assinaturas personalizadas. Quarenta e oito fractais de cor, duas dúzias de perfume em sublimação. Quatro dezenas e oito unidades de mim sobre e sob a terra úmida em vida lenta e silenciosa.

Dispostas desse modo, minhas violetas regurgitaram clorofila, inspiraram oxigênio e transpiraram seiva. E cresceram, brotaram, desabrocharam como jasmims enlouquecidos. Você observava, cúmplice, esse desvario de selva tropical. Ainda recordo todos os detalhes daquele dia, quando você se debruçou na amurada da varanda e acendeu um cigarro com o fósforo de uma caixa de papelão, desses que parecem existir apenas para que hotéis e boates

possam oferecer brindes. Você puxou um longo trago, soltando sem pressa a fumaça para fora do âmbito das violetas, os olhos apertados como que para evitar que a luz lhe ferisse as retinas. Na verdade, hoje eu sei, isso era um ato de contenção. Você sabia perfeitamente que seus olhos aprisionavam ao ver. Que furavam como *lasers*; por isso, os mantinha quase sempre velados. Suas íris cinza-azul-esverdeadas só se mostravam em clarões muito rápidos. Fatais quase sempre, mas não para as minhas violetas. Elas se embebiavam desmedidamente daquela luz e resplandeciam.

Você amassou a carteira vazia. Era seu último ato aqui, arremate de uma vida de fumante e também o sinal da partida. Da sua e, se eu quisesse, igualmente da minha. Eu já havia sido abundantemente avisada disso e esperava apenas pelo momento de, enfim, decidir. O momento chegara e eu nem mesmo sofri por escolher você.

A mudança começava pela repartição das violetas, que eu não poderia levar conosco. Para onde iríamos, estas violetas não poderiam ir. Haveriam de ficar, mas não abandonadas. Seriam criteriosamente distribuídas. Exclusivamente os amigos mais queridos poderiam receber minhas tímidas flores, para cuidá-las com o carinho e a mansidão que precisam regar as violetas. Eram plantas cobiçadas; por isso, não lhes faltariam tutores.

Antes que eu distribuísse todas as minhas violetas, aquela mulher apareceu. Não que fosse amiga ou inimiga, apenas não me dizia nada. Mas ela queria violetas. Amou as minhas desde que as viu, afirmava. Falou com meus amigos, mandou recados pela minha família, elogiou as plantas do mundo inteiro, dizendo-se jardineira dedicada. Ainda restavam sete violetas para encaminhar, e você me aguardava com a paciência de sempre, mas eu já não suportava vê-lo na fimbria, nem dentro nem fora, sem ficar, mas sem partir, preso ao elo que só minha inércia selava. Decidi: ela ficaria com as violetas.

À noite, liguei para aquela mulher. Disse-lhe que havia separado as últimas sete violetas para ela. Poderia vir apanhá-las na manhã seguinte, a mesma manhã da nossa partida. Ouvi-a agradecer educadamente, e adormeci, pela última vez sem que você velasse meu sono. Não sonhei. Eu queria que a noite se escoasse como um ocaso, e os sonhos fazem a noite durar.

Acordei muito cedo. Estava tudo pronto, arrumado há muitos séculos. Eu nem precisava conferir qualquer coisa. Sentei-me numa cadeira para esperar, tomando café e olhando a janela que enquadrava as vidas desenroladas nos outros apartamentos. A campainha tocou justo dentro do meu coração. Você? Não: ela. Sorri, aquele meu sorriso chocho, que você diz que desafia a gravidade porque torce para cima cantos de lábios que, claramente, deveriam estar para baixo. Conforme combinado, ela tinha vindo pegar as violetas. Estavam na varanda, e chamei-a para pegá-las comigo.

Tropecei no meu próprio espanto quando abri a porta e olhei para aquele cantinho de chão, abrigado do sol, mas claro e fresco, exposto ao orvalho. As minhas violetas, *todas* as minhas sete violetas restantes das quarenta e oito que eu cultivei até a sua chegada e a nossa iminente partida, as sete violetas que eu daria para ela estavam mortas. Mas não simplesmente sem vida. Estavam secas, crestadas, enegrecidas como se eu as tivesse plantado no deserto ao meio-dia, sem água e com areia solta, e como se elas tivessem passado pelo menos sete dias sob o sol a pino.

Depois de uma quase eternidade muda, olhei para a mulher, angustiada pela morte súbita das violetas e preocupada com o que ela pudesse pensar de mim, de que ela supusesse que eu havia matado as violetas e a tivesse chamado para testemunhar o epílogo

de uma brincadeira absolutamente sem graça. Ainda assim, disse-lhe que as plantas estavam vivas, quase pulsantes na noite anterior, e que eu não só lamentava, como definitivamente não entendia o que poderia ter acontecido com elas. Ela olhou-me durante uns momentos. Em seguida, encolheu os ombros mais com indiferença do que por resignação. Agradeceu e saiu da minha casa sem sequer um derradeiro olhar de pesar pela morte das violetas.

Aquelas violetas pressentiram o destino que as aguardava. A mulher não amava minhas flores o suficientemente para lamentar vê-las sem vida. Violetas deveriam ser, para ela, bijuterias, desejáveis enquanto belas, inúteis e completamente sem importância quando perdem o brilho. Basta jogá-las fora e comprar outras. Você, porém, sabe que violetas não são bijuterias. Não são nem jóias. Não perdem simplesmente o brilho. Morrem. Não duram para sempre. Perpetuam-se em novas e diferentes violetas, mas se, e somente se forem muito amadas. Só assim se pode saber de quanta água precisa uma violeta para viver, e só assim se pode cortar-lhe a folha viva para que ela se enraíze e se faça nova quando já tiver há muito tempo morrido.

Josimey Costa